

Paisagem sonora no século XXI: sons e música como elementos incômodos ou abstraídos

Ana Lucia Gaborim Moreira¹

Antonio Deusany de Carvalho Junior²

Resumo: Tendo como referencial a experiência do compositor canadense Murray Schafer e seus escritos acerca da paisagem sonora - realizados no Canadá e Europa nas décadas de 60-70 -, procurou-se elaborar um paralelo que levasse à construção de um panorama da atual paisagem sonora e musical no Brasil, aprofundando estudos realizados nas áreas de Música e Mídia, Tecnologia e Educação Musical. Já no século XXI, é possível perceber que a paisagem sonora está drasticamente diferente, com a incorporação de telefones celulares, MP4s, *IPods* e outros aparelhos eletrônicos lançados com os avanços tecnológicos. Pesquisas mais recentes retratam a paisagem sonora a partir de estudos no meio urbano (GENTILE, 2007; SANTOS, 2002), ou verificam a correlação do meio urbano sonoro com o musical (SANTOS, 2011). Nesta comunicação busca-se refletir sobre uma contemporânea concepção de escuta e abordar as consequências dessa paisagem sonora no meio ambiente cotidiano – ramo da Ecologia Acústica (FONTERRADA, 2004). Concebeu-se uma paisagem sonora e musical atual a partir de opiniões pessoais coletadas através de novos meios de informação, angariando dados por um questionário *online*, divulgado principalmente em Redes Sociais. Com um domínio de colaboradores qualificados, como professores e estudantes universitários, a análise dos dados mostraram os sons e ruídos do cotidiano como elementos incômodos ou abstraídos, e também revelaram que a “canção da mídia” (VALENTE, 2004) de certa forma não permanece viva na memória.

Palavras-chave: paisagem sonora, percepção, canção das mídias

1. Introdução à paisagem sonora

Em seu livro “A afinação do mundo” (2011a), Murray Schafer procurou relatar a evolução da paisagem sonora, desde o mundo antigo até o século XX, por meio de referências literárias. Num momento primitivo, essa paisagem era constituída pelos sons da natureza e pela sensível interferência do homem e dos animais nesse ambiente acústico. Dando continuidade, Schafer expõe a paisagem sonora rural, caracterizada pelos sons *hi-fi* (em alta definição). Diferentemente da utilização do termo em nosso tempo - associado aos mais modernos aparelhos de som, reprodutores de CDs e MP3 -, o *hi-fi* se refere aos sons que são “claramente ouvidos em razão do baixo nível de ruído ambiental” (p. 71) - característica dos sons do campo. Em contrapartida, a paisagem urbana, quando começa a se configurar, faz emergir a paisagem sonora *lo-fi*, em que “os sinais acústicos individuais são obscurecidos em uma população de sons superdensa” e para que possam ser ouvidos,

“tem de ser intensamente amplificados” (p. 71). Neste ponto, Schafer também discorre a respeito das relações entre o universo composicional e os modos de escuta musical, mutuamente influenciados pelo ambiente acústico.

As mudanças na paisagem sonora ocorrem de modo mais drástico com a revolução industrial, momento em que um novo contexto emerge no ambiente urbano: o som das máquinas. Na sequência, ocorre a revolução elétrica, a criação de aparelhos sonoros como o fonógrafo e seus sucessores, e então uma interferência maior nos modos de produção e reprodução musical. A partir daí, Schafer estabelece novos conceitos para designar as mudanças na percepção sonora e musical, como *esquizofonia* e *moozak*¹. Após toda essa exposição histórico-acústica, Schafer propõe uma análise mais aprofundada dos sons, em suas dimensões notatória, classificatória, perceptiva, morfológica, simbólica e também estética, em busca de um *projeto acústico* ideal, que enfoca a e um ambiente propício para resgatar uma *cultura auditiva significativa*, e considerar a paisagem sonora mundial “como uma imensa composição musical desdobrando-se incessantemente à nossa volta” (SCHAFER, 2011a, p. 287). Por último, e coerentemente, Schafer discorre sobre a importância do silêncio. Embora o livro tenha sido originalmente escrito em 1976, muito dos escritos de Schafer se aplicam perfeitamente em nosso século e vem a ser confirmados pela pesquisa realizada para o desenvolvimento deste artigo.

Buscando uma correlação do trabalho de Schafer com outras realidades, vários autores já apresentaram ideias e comparações relevantes. Em seu livro “Por uma escuta nômade: A música dos sons da rua”, Fátima Carneiro dos Santos (2002) discute a paisagem sonora sob uma perspectiva urbana, enfatizando certas transformações na paisagem descrita por Schafer que continuam ocorrendo principalmente nas grandes cidades (p. 22). Um ponto importante destas transformações nos grandes centros urbanos é a ausência de silêncio que provoca a caracterização da escuta reduzida, sendo esta maior do que a escuta possibilitada pela situação acusmática (p. 70). Neste livro, Santos também aponta diversas formas de trabalho com a escuta reduzida, por compositores como Russolo, Cage, Schaeffer, Satie e Varèse, que se aproveitam de uma nova paisagem sonora para predispor novos paradigmas musicais à sociedade acostumada a modelos fixos de audição, escapando às possibilidades normalmente previstas (p. 54).

¹ Schafer define *esquizofonia* (squizo + phonos = som separado, fendido) como a diferença entre a forma como o som é produzido e a forma como é reproduzido/ouvido, e *moozak*, como música para não ser ouvida.

Buscando descrever uma “atualização” da pesquisa de Schafer com base nas ruas da cidade de São Paulo, Juliano Matteo Gentile (2007) utilizou-se de gravações realizadas em ruas movimentadas da cidade no ano de 2006, deparando-se com diversos sons, e enfatizando a audição de música pop brasileira e internacional, MPB e até *trash metal*. Neste trabalho, Gentile também relata sons que parecem desaparecer do cotidiano, como sons de vendedores de rua, além de enfatizar que certas memórias sonoras de menos de 10 anos atrás já são tratadas como nostálgicas. A substituição de certos sons por outros, diferenciando também a forma como tais sons são percebidos ou despercebidos traz uma reflexão sobre a relação dos homens com os sons que os rodeiam.

Em uma nova proposta de trabalho, Santos (2011) busca rever estes sons que rodeiam o ambiente no qual vivemos. O principal questionamento é sobre “onde se dá a passagem do sonoro ao musical”, e como isto é tratado pela *soundscape composition*, surgida nos anos 70 pelo mapeamento das paisagens sonoras urbanas por Schafer e outros compositores. O registro da paisagem permite de certa forma uma melhor análise de suas alterações ao longo do tempo, sendo possível adquirir uma maior atenção às sonoridades com o passar do tempo, como é descrito pela experiência deste trabalho. Este ponto de vista é importante aqui por deixar claro que sons e música passam a ter uma diferença indefinível diante da atenção dada a ambos no cotidiano.

2. Construindo uma paisagem sonora contemporânea

Procurando traçar um paralelo contemporâneo brasileiro para o trabalho desenvolvido por Schafer no século passado, foi realizada uma pesquisa *online* a fim de compreender o ambiente sonoro que se apresenta para o trabalho de educação musical. Para isto, foi elaborado um questionário com dez questões simples voltadas para três aspectos: sons e ruídos do ambiente - tais como são percebidos; cenário musical - em especial o que é oferecido pela mídia; e por último, algumas informações pessoais dos participantes, para que se pudesse traçar o perfil do público consultado. Tal questionário utilizou-se da tecnologia *Google Docs*, especificamente do serviço de questionário *online*, que pode ser compartilhado e visualizado por qualquer usuário da internet que tenha acesso ao link. As respostas são dispostas para os criadores do questionário através de uma planilha chamada *Google Spreadsheet*, onde os dados podem ser tratados, sendo possível obter diversas informações computando as respostas recebidas e gerando gráficos a partir delas, permitindo diversas visualizações dos resultados.

As questões que constavam no questionário eram:

1. Quais são os SONS que você mais escuta no dia-a-dia?
2. Onde você mais os escuta?
3. Como os sons afetam a você?
4. O que é RUÍDO para você (musicalmente, textualmente, no ambiente...)?
5. Na sua opinião, qual é a música mais tocada na mídia atualmente?
6. Como essa música afeta você e o seu dia-a-dia?
7. Qual foi a música mais tocada na mídia no ano passado?
8. Qual sua idade?
9. Qual sua profissão?
10. Onde você reside atualmente?

O questionário foi disponibilizado² para ser respondido entre os meses de maio e junho de 2012 e foi divulgado a partir de contatos pessoais dos pesquisadores por *e-mails* (aproximadamente 1.000 contatos), sendo que estas pessoas poderiam também reenviá-lo a outros contatos. Um *link* do questionário também foi divulgado na rede social "Facebook", compartilhado por diversas pessoas. Informou-se que as respostas do questionário seriam parte de uma pesquisa de pós-graduação em Música, de forma que todos os participantes seriam colaboradores desta pesquisa. Ao todo, foram obtidas 260 respostas, abrangendo pessoas com e sem formação musical. Pelo fato de a maioria das questões permitir respostas subjetivas, a análise dos dados foi realizada a partir de diversos artifícios: no caso das questões de número 1, 2, 3, 4 e 6, foi realizada a contagem das palavras ocorridas nas respostas, sendo agrupadas em um segundo momento para a elaboração de dados quantitativos. Posteriormente, foi feita uma análise a partir da leitura de todas as respostas, encontrando relações semânticas entre as palavras no contexto da questão. Já para as questões restantes (5, 7, 8, 9 e 10), apenas a contagem das ocorrências das palavras foi realizada, tendo em vista a objetividade das respostas.

Dentre o total de participantes, com a variação de idade entre 16 e 79 anos, houve 28% de professores, sendo 8% destes atuantes na área de Música. O restante se dividiu entre: 13% de músicos, 9% de estudantes, 6% de pedagogos, 3% de aposentados, e os 41%

² O questionário ainda se encontra disponível para consulta, no endereço:

<https://docs.google.com/spreadsheets/viewform?formkey=dGJxamdkVnFmLTZJaEJjZlVMdUhKM1E6MQ#gid=0>

remanescentes em outras profissões diversas, como artistas, profissionais liberais, militares, funcionários públicos e de empresas privadas. Houve colaboração de participantes de todas as regiões do país, residentes em diversos estados e até mesmo em outros países (Chile e Portugal), sendo a grande maioria residente em Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraíba. Isto compôs uma boa amostra da população brasileira, tendo em vista a restrição de divulgação do questionário para pessoas com um mínimo de instrução e com acesso à Internet.

Foram obtidas informações interessantes e peculiares sobre a paisagem sonora atual – que tem pontos em comum e pontos característicos de cada Estado ou região brasileira -, principalmente pelo fato de que a maioria das pessoas que responderam ao questionário não tem formação musical. Essas informações serão apresentadas e discutidas a seguir, seguindo o pensamento de Schafer: “o que o analista da paisagem sonora precisa fazer, em primeiro lugar, é descobrir seus aspectos significativos, aqueles sons que são importantes por causa de sua individualidade, quantidade ou preponderância” (SCHAFER, 2011a, p. 25).

3. Os sons e sua influência no cotidiano

Considerando a primeira questão, constatou-se que os sons humanos são os mais escutados, com 29% das respostas contendo palavras como choro, respiração, vozes de pessoas do próprio convívio, entre outras. Em segundo lugar ficaram Citações sobre eletrodomésticos e utensílios de cozinha tiveram um equivalente de 17%. Referências a música e instrumentos musicais tiveram um total de 16%. Palavras voltadas à tecnologia (informática e mídia), como computador, notebook, internet, agrupadas com outras do mesmo contexto atingiram um total de 12%. Os sons de ambientes urbanos como construção, lojas, máquinas, ônibus e outras palavras referentes ao mesmo contexto, que tiveram 11% de ocorrência. Sons do campo e de animais (natureza) obtiveram 10% de ocorrência. As palavras telefone e celular alcançaram 8% e os 4% restantes foram formados por nomes de locais (cada qual com seus sons característicos) e empreendimentos.

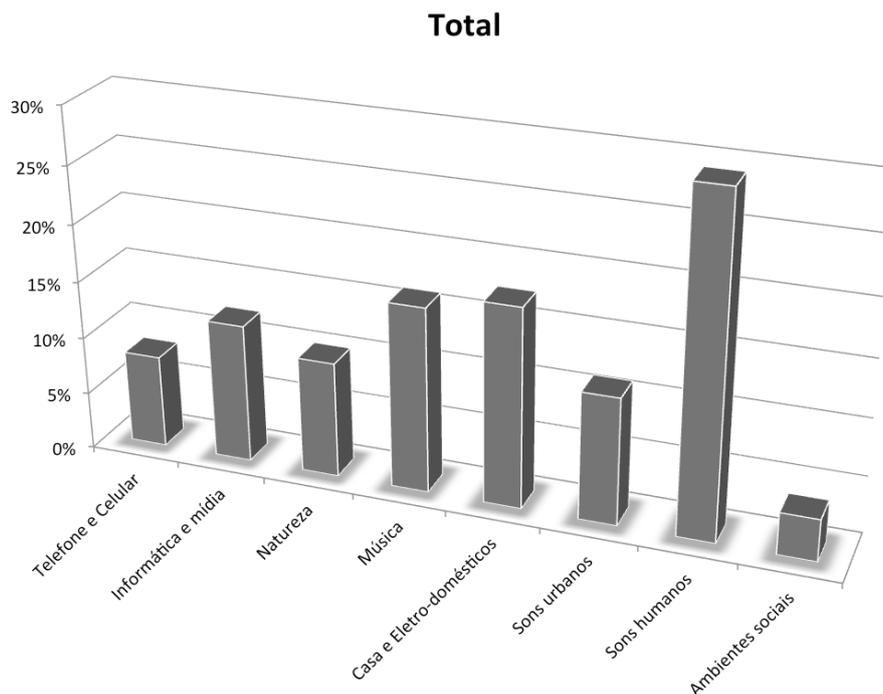


Figura 1. Resultado geral das respostas sobre os sons mais escutados

Agrupando as respostas de acordo com a região do participante, tem-se uma visão interessante de quais sons recebem maior atenção pelos participantes de cada região, como pode ser visto na Figura 2. Interpretamos os resultados da seguinte maneira: no Centro-Oeste (CO) há certo equilíbrio, com destaque para os 4% de sons voltados a ambientes sociais e 9% relacionados a natureza. No Nordeste (NE), tem-se um destaque para o alto índice de sons relacionados a informática e mídia, com 20% de ocorrência, e bem acima dos índices das outras regiões, enaltecendo uma realidade talvez desconhecida. A região Norte (N) por sua vez apresentou resultados relevantes em relação aos sons voltados para música, possivelmente devido à cultura indígena e baixa influência de sons urbanos que poderiam ofuscar sons musicais do ambiente. No Sudeste (SE) houve um destaque para os sons voltados à natureza comparando-se com as outras regiões, sendo estes bem percebidos nesta região talvez por serem raros diante de tantos outros sons urbanos e tecnológicos pertinentes. No Sul (S), sons relacionados a casa e eletrodomésticos atingiram uma porcentagem de 50%, fato este que merece uma ênfase por se tratar de uma região de temperaturas baixas, o que mantém a atenção das pessoas aos sons do seu ambiente mais comum, que seria a própria residência.

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

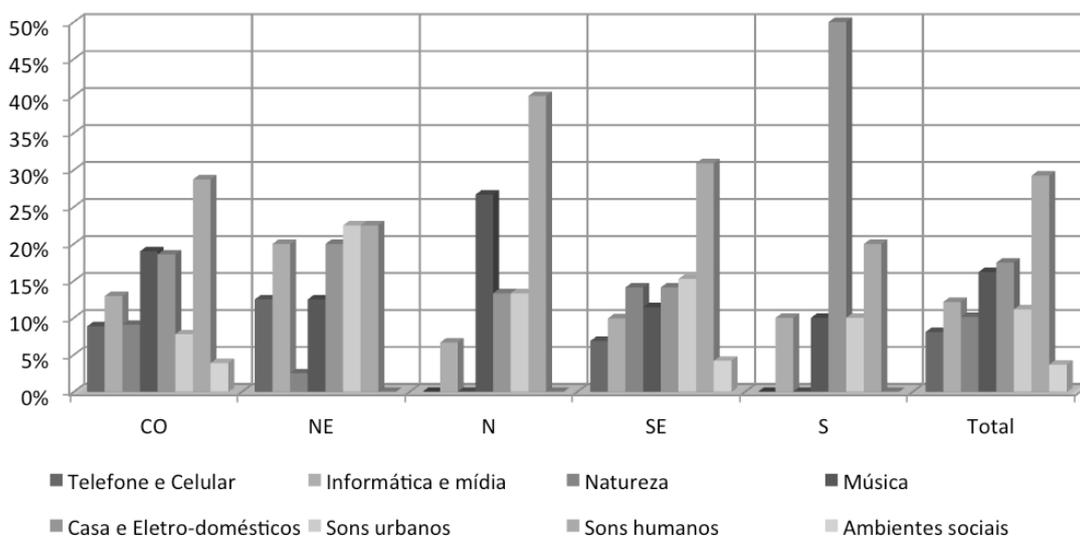


Figura 2. Gráfico apresentando a ocorrência de grupos de sons por região

Em “o ouvido pensante”, Schafer (2011b, p.107) também analisa as mudanças na paisagem sonora, em três momentos: nas culturas primitivas, na época pós-revolução industrial e no século XX. Sendo mais contemporâneo ao nosso tempo, o século XX apresenta a predominância de sons de utensílios e tecnologia (68%), em seguida os sons humanos (26%) e, em pequena parcela percentual, os sons naturais (6%). Chegamos a um resultado bem semelhante em nossa pesquisa, se somarmos os percentuais de palavras relacionadas aos sons urbanos, à tecnologia, à música (em diversos meios de reprodução e difusão) e instrumentos musicais, eletrodomésticos e utensílios de cozinha, telefones e celulares.

Com relação aos locais onde os sons são mais ouvidos, foram identificados quatro grupos de ambientes citados: referências a locais residenciais tiveram uma maioria de 39.2%; ambientes urbanos ficaram em segundo lugar, com 31.1%; ambientes de trabalho fizeram parte de 22.9% das respostas, enquanto locais como igreja, bar e ambientes de estudo (escolas, faculdades) foram citados em 6.8% das respostas. Podemos analisar esse resultado como o reflexo do atual ambiente onde a maioria dos participantes da pesquisa reside e trabalha, isto é, nas grandes cidades. No entanto, também encontramos referências a sons relacionados à praia e ao campo ou ambiente rural. Interessante é também observar como a paisagem sonora é itinerante, isto é, como varia em cada cidade ou região apresentando sons característicos - como trens e helicópteros em São Paulo e araras no Mato Grosso do Sul.

Sobre os efeitos dos sons percebidos pelas pessoas, em um âmbito psicológico, também foram identificados quatro grandes grupos de palavras em um mesmo contexto. Palavras com uma conotação negativa, como irritação, aborrecimento e incômodo fizeram parte de quase metade das respostas, ocorrendo em 47% delas. Tranquilidade, aconchego, prazer e outras palavras do mesmo gênero ocorreram em 32% das respostas. Houve 16% de ocorrência de referências a abstração, costume, hábito e indiferença. Por fim, a ocorrência das palavras relacionadas a saúde, como dor, náusea, sofrimento e tonturas foram tratadas isoladamente, somando um total de 5% de ocorrência nas respostas.

Interessante é observar que, como o questionário ofereceu a possibilidade de livre expressão dos participantes, houve muitos tipos de manifestações e comentários de repulsa, com relação ao modo como os sons afetam o dia-a-dia: *“sinto que sou envolvida por um turbilhão barulhento que não me deixa em paz.”* (professora, 54, Campo Grande/MS); *“incômodo profundo”* (professor, 36, Maringá/PR); *“alto poder de desconcentração”* (estudante, 18, João Pessoa/PB). Estas opiniões também são corroboradas por Obici (2008, p.96-97): *“uma certa agonia generalizada parece imperar a quem tem ouvidos atentos, sensíveis às transformações incorpóreas que os sons tem proporcionado”*.

Por outro lado, algumas respostas demonstraram que algumas pessoas não atentam aos efeitos do som em suas rotinas: *“esses sons me fazem pensar que nós não paramos para pensar”* (corretor de imóveis, 51, Itanhaém/SP); *“penso que prefiro o silêncio. Em geral [os sons] já estão incorporados ao dia a dia e nem percebo”* (professora aposentada, 61, Poços de Caldas/MG).

Esse processo de conscientização da influência dos sons em nosso meio integra o campo da ecologia sonora, abordado por Fonterrada (2004), que consiste no *“estudo da relação entre o homem e os sons ambientais, discutindo de que modo se dá essa relação”* (p. 9). Segundo a autora, esta questão - que, por sua amplitude, não será abordada neste trabalho - é interdisciplinar e implica não só em questões médicas e legais, mas *“devem ser vistas em seus aspectos políticos, econômicos, educacionais, culturais, sociais e artísticos”* (p. 46).

Estes resultados permitem ter certa consciência sobre quais sons estão recebendo atenção nos dias atuais e como são recebidos pelas pessoas. A abstração destes e o incômodo gerado por eles variam entre ser opção ou condição, mostrando como a paisagem sonora é intrínseca ao cotidiano também de forma negativa.

4. Refletindo sobre o ruído

A questão sobre ruído confundiu os participantes, devido ao próprio conceito de ruído ser utilizado em diversas áreas e ser algo dependente de outros fatores extrínsecos.

Wisnik afirma:

“o grau de ruído que se ouve num som varia conforme o contexto. (...) Para isso é útil combinar o conceito habitual de ruído sonoro com o da teoria da informação, derivado deste, que entende ruído como interferência na comunicação (ruído torna-se assim uma categoria mais relacional que natural). O ruído é aquele som que desorganiza outro, sinal que bloqueia o canal, ou desmancha a mensagem, ou desloca o código” (1989, p.32).

Analisando as respostas obtidas e relacionando suas semelhanças, foi feita uma classificação em seis grupos:

a) confusão de conceitos - algumas respostas se aproximaram mais do conceito de *som*: “*é tudo que provoca vibração, e está na sintonia de codificação do aparelho auditivo*”. (comerciante, 48, Araçatuba/SP);

b) tentativa de conceituação - alguns participantes estabeleceram o ruído como um som *indefinido* (professora, 39, Ponta Porã/MS) ou *desordenado* (professora, 58, Manaus/AM);

c) conotação negativa - constituiu a maioria das respostas, como algo ruim ou desagradável: “*algo que chega nos seus ouvidos e causa desconforto*” (téc. gestão previdenciária, 33, Santos/SP); “*principalmente aqueles que são intensos e sem interrupção, penso que as pausas colaboram para eu não surtar*” (coordenador pedagógico, 39, Itatiba, SP);

d) significado além do sonoro - induzidos pela questão, alguns participantes comentaram sobre o ruído fora do âmbito sonoro: “*musicalmente: instrumentos estridentes, letras e vozes vazias de significado; textualmente- significado xulo, que nada me acrescenta; no ambiente- sons altos e/ou repetitivos*”. (professora, 61, Natal/RN);

e) interpretação pessoal - algumas pessoas definiram o ruído considerando sua opinião como divergente de outras pessoas: “*nada que eu escolha para ouvir*” (professora, 45, Goiânia/ GO); “*como sou auditiva [sic] penso que ruído são os sons que me irritam, tenho vontade de tampar os ouvidos*” (professora, 43, Uberaba – MG);

f) aproximação do conceito schafferiano - poucas respostas apresentaram elementos que se aproximam dos conceitos de música definidos por Schafer, escritos por pessoas com formação musical: “*um tipo de som que na maioria das vezes não é pensado como um som musical. Como, por exemplo, o som de uma britadeira.* (músico, 25, Rio de Janeiro – RJ).

Schafer não estabelece uma definição precisa sobre o ruído, mas apresenta algumas afirmações que puderam ser encontradas de forma semelhante nesta pesquisa e que podem servir de embasamento para discussões no âmbito da educação musical, no sentido de conscientizar as pessoas sobre a poluição sonora que se apresenta no cotidiano: “ruído é o som indesejável, (...) não há outro meio de defini-lo (...). É qualquer som que interfere (...). Para o homem sensível aos sons, o mundo está repleto de ruídos” (2011b, p.56).

Contudo, Obici ressalta os aspectos positivos do ruído e confronta a opinião de Schafer acerca do ruído como algo simplificado:

Vale apontar aspectos positivos do ruído, como sua potência de criação e ponto de instabilidade, que possibilitam transformações, inventividades, bem como processo de ruptura na estruturação e transmissão do código (...) Ruído ou silêncio, atributos do sonoro que, em princípio, não possuem polaridade direta, não são bons ou maus, adorados ou diabolizados. Pensemos para além de tais categorizações para não cairmos em julgamentos que simplifiquem, como em certos momentos o pensamento de Murray Schafer parece se inclinar (2008, p.45)

Wisnik, no entanto, de maneira objetiva e conceitual, nos apresenta limites bem claros entre o som e o ruído:

“a natureza oferece dois grandes modos de experiência da onda complexa que faz o som: frequências regulares, constantes, estáveis, como aquelas que produzem o som afinado, com altura definida, e frequências irregulares, inconstantes, instáveis, como aquelas que produzem barulhos, manchas, rabiscos sonoros, ruídos. Complexos ondulatórios cuja sobreposição tende à estabilidade, porque dotados de uma periodicidade interna, e complexos ondulatórios cuja sobreposição tende à instabilidade, porque marcados por períodos irregulares, não coincidentes, descontínuos “ (1989, p. 26-27).

É importante frisar que a maioria das pessoas entrevistadas não tinha nenhuma base teórica ou científica sobre o conceito de ruído - como as apresentadas acima - que pudesse ajudá-las a definir esse conceito, de forma que elaboraram uma resposta empírica ou baseada no senso comum. Outras respostas se assemelharam ao conceito apresentado no site *Wikipedia*, que é uma referência em pesquisa na Internet, portanto, subentende-se que tenham procurado se informar sobre a definição de ruído antes de escrever. No agrupamento realizado neste estudo, não foram separadas as respostas escritas por pessoas com e sem estudo musical, mas é possível perceber claramente as respostas escritas por pessoas com conhecimento musical, mesmo que em nível elementar.

5. A música da mídia

Considerando a influência da música da mídia no cotidiano, o questionário trouxe duas questões que procuravam verificar o quanto as “canções da mídia”³ - ou música de consumo, ou ainda, música de mercado - sobrevivem na mente do público em geral, para o qual ela é direcionada. A maioria das respostas para a música mais ouvida em 2011 e em 2012 foram "não sei" ou “não me lembro”, sendo 45.7% em 2011 e 49.8% em 2012 – o que vem demonstrar o quanto a música da mídia pode ser considerada como “comercial”, preparada para consumo imediato, convertida em shows, CDs e DVDs. Em segundo lugar, também nos dois anos, músicas cantadas por Michel Teló (em especial, “Ai, se eu te pegó”) ficaram com 24% de ocorrência em 2011 e 20.8% em 2012. Na terceira posição houve uma variação entre os anos, com Luan Santana alcançando 11% das ocorrências em relação ao ano passado e João Lucas e Marcelo chegando aos 20.5% de citações em 2012. Outros cantores de estilos variados apareceram na lista, mas sem tanta proximidade do terceiro lugar, agrupando-se todos os restantes num total de 19.3% em 2011 e 8.9% em 2012. É importante ressaltar que todas as músicas citadas, bem como seus autores e/ou intérpretes, se encontram no contexto da música popular e sua divulgação é feita principalmente pelas rádios e emissoras de televisão brasileiras.

Especificamente em relação à música mais tocada neste ano de 2012⁴, foi questionado como ela afeta o dia-a-dia das pessoas. Agrupando as respostas em três padrões, foram verificados 47.8% de citações negativas sobre a música, com referência a palavras como: irrita, enjoa, revolta, transtorna e frustra. Houve 34.7% de comentários neutros sobre a música, insinuando indiferença, ignorar ou vê-la passar despercebida. Os 17.5% restante das respostas comentaram sobre o fato de a música trazer lembranças boas, estar associada a um sentimento agradável, descontrair e fazer parte do gosto musical das pessoas.

6. Algumas considerações

A proposta de responder a um questionário com o intuito de colaborar com o desenvolvimento da pesquisa em questão levou os participantes a refletirem sobre sua

³ O conceito de “canções da mídia” é um complexo que resulta da cultura na qual ela está inserida, e se refere às canções compostas com o objetivo de serem gravadas em disco e reproduzidas no rádio (VALENTE, 2004, p. 1-2)

⁴ reportagens divulgadas na Internet, como a que se encontra disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_number-one_hits_of_2012_\(France\)](http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_number-one_hits_of_2012_(France)) confirmaram os dados da pesquisa.

concepção de escuta e sobre a influência da paisagem sonora e musical no cotidiano. Estas reflexões se inserem no campo da educação musical atual, dentro do propósito de despertar a consciência sonora, de desenvolver uma plena consciência auditiva. Segundo Fonterrada,

“para falarmos de música, é preciso considerar o som e sua presença no meio ambiente. É preciso, também, reconhecer sua importância para o homem, pois vivemos imersos num mundo sonoro (...). Não prestamos muita atenção nos sons que produzimos, ou que escutamos. De algum modo, estamos sempre lidando com sons, mas nem sempre temos consciência dessa capacidade.” (FONTERRADA, 2004, p. 8)

Conforme pudemos analisar nas respostas, os sons do cotidiano muitas vezes são abstraídos: as pessoas se acostumam a eles, e passam a ignorá-los, demonstrando total desconsideração pelo ambiente sonoro em que vivem. Por outro lado, muitos participantes da pesquisa se revelaram incomodados pela poluição sonora, pela falta de limites com relação à produção de sons à nossa volta - de maneira que a exposição contínua a eles, de maneira desenfreada, tem afetado até mesmo a saúde. Schafer adverte sobre a importância da consciência sonora: “não se trata de ignorar os sons que estão à nossa volta, mas de uma reeducação dos ouvidos. (...) o sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. (...) a única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis, para se concentrar no que é desejável” (SCHAFER, 2011a, p.29).

Com relação à música, o que se pôde observar é que muitas pessoas se sentem incomodadas pelo bombardeio do repertório midiático. Embora a pesquisa realizada tenha se restringido a um público específico, é importante constatar a existência do que podemos chamar de uma “contracultura midiática”, de pessoas que se recusam a aceitar o que lhes é imposto pelos meios de comunicação de massa.

A realização desta pesquisa, além de revelar o interesse de um público leigo em música nas reflexões sobre o tema, com certeza, pôde contribuir para mostrar a necessidade de uma reeducação musical— desde uma conscientização a respeito dos sons, que são a matéria-prima da música, até uma reflexão crítica sobre a própria música. A falta de consciência musical e sonora preponderante em nossa cultura atual pode culminar na frase de Schafer: “a paisagem sonora atingiu o ápice da vulgaridade em nosso tempo” (SCHAFER, 2011a, p.17). Embora tenha sido escrita há mais de 30 anos, a frase nos parece muito pertinente para o nosso cotidiano. E se não houver essa reeducação musical, talvez ela ainda seja adequada daqui a 30 anos.

Referências Bibliográficas

FONTEERRADA, Marisa T. O. **Música e meio ambiente: ecologia sonora**. São Paulo: Ed. Irmãos Vitale, 2004.

GENTILE, J. M. *Os sons que vendem: O recurso sonoro no comércio de São Paulo*. 3o Encontro de Música e Mídia, 2007.

OBICI, Giuliano. **Condição da escuta: mídias e territórios sonoros**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

SANTOS, F. C. *Por uma escuta nômade: a música das ruas*. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2002.

SCHAFER, Raymond M. **A afinação do mundo**. 2.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011a

_____. **O ouvido pensante**. 2.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011b.

VALENTE, Heloísa. A. D. **Música é informação! - Música e mídia a partir de alguns conceitos de Paul Zumthor**. V Congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, IASPM-LA, 2004.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido: uma outra história das músicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹ **Ana Lucia Iara Gaborim Moreira** (São Paulo, 1976) é doutoranda em Artes-Música pela USP, onde realiza pesquisa sobre regência de coro infantil. É Mestre em Música e Bacharelada em Composição e Regência pela UNESP. Foi bolsista de diversos festivais de música nacionais e internacionais; participou de diversos encontros de Educação Musical promovidos pela FLADEM, ISME e ABEM, a qual representa no estado de MS. Integrou e regeu diversos grupos corais em São Paulo. Atualmente é professora efetiva do curso de Licenciatura em Música da UFMS, nas áreas de Regência e Canto Coral. Coordena os projetos de extensão “Semana da Voz”, “Encontro de Regentes Corais”, “Simpósio Coral Infantil” e os Painéis Funarte de Regência Coral em Campo Grande (MS), rege a Camerata de Cordas da UFMS e integra o Grupo Vocal Feminino “Maria Bonita”.

E-mail: ana.gaborim@usp.br

² **Antonio Deusany de Carvalho Junior** (João Pessoa, 1986) é doutorando no Instituto de Matemática e Estatística da Universidade de São Paulo, atuando como pesquisador na área de Computação Musical. Realizou o mestrado na área de Processamento Digital de Sinais na Universidade Federal da Paraíba, onde também concluiu seu Bacharelado em Ciência da Computação com ênfase em Computação Gráfica e Realidade Virtual. Sua pesquisa de mestrado teve foco na recuperação de informações musicais através de análise de melodia e ritmo, correlacionando conceitos da área de Teoria da Informação com conhecimentos adquiridos durante seus anos de estudo de música clássica e violão erudito. Tem experiência técnica na área de gravação, edição e mixagem de áudio, além de trabalhos com desenvolvimento web e desing gráfico.

E-mail: dj@ime.usp.br